

*NICHOLAS SPARKS
E MICAH SPARKS*

*TRÊS SEMANAS COM
O MEU IRMÃO*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

CARMO VASCONCELOS ROMÃO

ASA

Um amigo é sempre leal e um irmão nasce
para ajudar em tempos de necessidade

Provérbios 17,17



AGRADECIMENTOS

Quando se escreve um livro há sempre muitas pessoas a quem agradecer e, como sempre, os nomes são praticamente os mesmos.

Em primeiro lugar, temos de agradecer às nossas mulheres, Cathy e Christine, sem as quais este livro nunca teria sido possível.

E aos nossos filhos – Miles, Ryan, Landon, Lexie e Savannah (de Nicholas) e Alli e Peyton (de Micah). A vida sem eles seria impossível de imaginar.

Também sentimos igual gratidão para com Theresa Park da Sanford Greenburger e Jamie Raab da Warner Books, nossa agente e editora, respetivamente. Foi um sonho trabalhar com elas.

Larry Kirshbaum e Mayreen Egen, CEO e presidente da Warner Books, que tiveram a bondade de acreditar neste projeto, merecem também os nossos agradecimentos.

Jennifer Romanello, Edna Farley, Emi Battaglia, Julie Barer, Shannon O’Keefe, Peter McGuigan, Scott Schwimer, Howie Sanders, Richard Green, Flag, Denise DiNovi, Lynn Harris, Mark Johnson, Courtenay Valenti e todos os outros, merecem também os nossos agradecimentos, pelos papéis que desempenharam no projeto.

E, por fim, o nosso obrigado a todo o pessoal e à equipa da TCS, bem como aos nossos companheiros de viagem, incluindo os maravilhosos Bob e Kate Devlin. Foi maravilhoso viajar com todos vós.

PRÓLOGO

O livro surgiu por causa de uma brochura que recebi no correio na primavera de 2002.

Foi um dia como tantos outros em casa da família Sparks. Passara boa parte da manhã e princípio da tarde a trabalhar no meu romance *O Sorriso das Estrelas*, mas não corra bem e estava a ter dificuldade em ultrapassar a frustração. Não escrevera tanto como tencionara, nem fazia ideia do que escreveria no dia seguinte, por isso não estava de muito bom humor quando por fim desliguei o computador e dei o trabalho por terminado nessa tarde.

Não é fácil viver com um escritor. Sei-o porque a minha mulher já mo dissera e fê-lo de novo nesse dia. Para ser franco, não é a coisa mais agradável de ouvir e, embora fosse fácil ficar na defensiva, acabara já por compreender que discutir com ela não resolvia nada. Assim, em vez de o negar, aprendi a pegar-lhe nas mãos, olhá-la nos olhos e responder com as quatro palavras que todas as mulheres querem ouvir:

– Tens razão, meu amor.

Há quem pense que, como sou um autor de relativo êxito, escrever não deve requerer esforço da minha parte. Muitas pessoas

imaginam que durante umas horas por dia «aponto as ideias à medida que vão surgindo» e passo o resto do tempo com a minha mulher junto à piscina, a discutir as nossas próximas férias exóticas.

Na realidade, as nossas vidas não são diferentes das de uma qualquer família de classe média. Não temos um exército de criados nem viajamos constantemente e, embora tenhamos uma piscina nas traseiras rodeada de espreguiçadeiras, não me lembro destas serem muito usadas, simplesmente porque nem eu nem a minha mulher temos muito tempo para lá nos sentarmos durante o dia, sem fazer nada. Para mim, a razão é o trabalho. Para a minha mulher, a razão é a família. Ou, mais especificamente, os miúdos.

Temos cinco filhos, sabem? Não seria uma família numerosa se fôssemos pioneiros, mas hoje em dia é um número que chega a surpreender algumas pessoas. O ano passado, quando eu e a minha mulher estávamos em viagem, entabulámos conversa com outro casal jovem. Um assunto levou a outro e, por fim, o tema dos filhos surgiu. O casal tinha dois filhos e disse-nos os seus nomes; a minha mulher desfiou o nome dos nossos.

Durante algum tempo a conversa foi interrompida, enquanto a outra mulher tentava perceber se tinha ouvido corretamente.

– Têm cinco filhos? – perguntou por fim a mulher.

– Sim.

Pousou uma mão no ombro da minha mulher, num gesto solidário.

– Vocês são loucos?

Os nossos filhos têm doze, dez e quatro anos; as gémeas vão fazer três, e se há muitas coisas neste mundo que não sei, sei de certeza que as crianças têm um modo engraçado de nos ajudar a relativizar as coisas. Os mais velhos sabem que escrevo romances para viver, embora por vezes duvide que qualquer deles compreenda o que significa criar uma obra de ficção. Por exemplo, quando perguntaram ao meu filho de dez anos durante uma apresentação na aula o que fazia o pai, inchou o peito e declarou orgulhoso: «O meu pai brinca com o computador o dia inteiro!» Por outro lado, o meu filho

mais velho diz-me frequentemente – com a mais completa solenidade – que «Escrever é fácil. Só a parte de teclar é que é difícil.»

Trabalho em casa como muitos escritores, mas aí termina a nossa semelhança. O meu escritório não é um santuário retirado no andar de cima; pelo contrário, a porta abre diretamente para a sala. Já li que alguns escritores só se concentram com a casa em silêncio, mas eu tenho a felicidade de nunca ter precisado de silêncio para trabalhar. É uma coisa boa, suponho eu, senão nunca teria escrito uma palavra. Compreendam que a nossa casa é literalmente um turbilhão de atividade, desde o momento em que eu e a minha mulher nos levantamos da cama, até ao momento em que caímos nela, ao final do dia. Passar o dia em nossa casa é o suficiente para cansar qualquer um. Em primeiro lugar os nossos filhos têm energia, imensa energia, uma quantidade *incrível* de energia. Multiplicada por cinco é energia suficiente para fornecer eletricidade a toda a cidade de Cleveland. E, como que por magia, os miúdos devoram e refletem a energia uns dos outros. Acontece o mesmo com os nossos três cães e a própria casa parece alimentar-se dela. Um dia normal inclui: pelo menos uma criança doente, brinquedos espalhados de uma ponta à outra da sala que reaparecem como que por magia, depois de terem sido guardados, cães a ladrar, miúdos a rir, o telefone sempre a tocar, entregas da FedEx e da UPS, miúdos a chorar, trabalhos de casa perdidos, eletrodomésticos avariados, projetos escolares para o dia seguinte e de que os nossos filhos se esqueceram de nos avisar até ao último minuto, treino de *baseball*, treino de ginástica, treino de futebol, treino de Tae Kwon Do, idas e vindas de pessoas que vêm arranjar aparelhos, portas a bater, miúdos a correr pelo corredor, miúdos a atirar coisas, miúdos a irritarem-se uns aos outros, miúdos a pedir comida, miúdos a chorar porque caíram, miúdos a treparem-nos para o colo para serem consolados, ou miúdos a chorar porque precisam de nós **IMEDIATAMENTE!**

Quando os meus sogros se vão embora depois de uma visita, estão ansiosos por chegar ao aeroporto. Partem com olheiras profundas e com a expressão abatida e traumatizada dos veteranos que

sobreviveram à invasão de Omaha Beach. Em vez de nos dizer adeus, o meu sogro abana a cabeça e murmura: «Boa sorte, que bem precisam.»

A minha mulher aceita toda esta atividade dentro de casa como normal. É paciente e raras vezes se irrita. Parece mesmo *gostar* dela a maior parte do tempo. Tenho de acrescentar que a minha mulher é uma santa.

Ou isso ou talvez seja mesmo louca.

Na nossa casa sou eu que trato do correio. Afinal, é uma tarefa que tem de ser executada e é uma das pequenas responsabilidades que me caiu no colo, no decurso do nosso casamento.

O dia em que recebi a brochura no correio foi um dia como os outros. Lexie, que tinha seis meses, tinha uma constipação e só queria estar no colo da minha mulher; Miles pintara a cauda do cão com tinta fluorescente e mostrava-o orgulhosamente; Ryan precisava de estudar para um teste, mas esquecera-se do livro na escola e decidira «resolver» o problema tentando ver que quantidade de papel higiénico podia ser metida na sanita, puxando o autoclismo; London pintava as paredes – mais uma vez – e já não me lembro o que Savannah estava a fazer, mas seria sem dúvida qualquer coisa aflitiva, pois, com seis meses, já aprendia com os irmãos. Acrescente-se a isso a televisão aos gritos, o jantar a fazer-se, os cães a ladrar e o telefone a tocar e o ruído caótico parecia estar a atingir um ponto febril. Parecia-me que até a minha santa mulher estava a atingir o ponto de rutura. Afastando-me do computador, respirei fundo e levantei-me. Dirigindo-me para a sala, olhei em volta para observar o mundo enlouquecido, e – com instintos que apenas os homens parecem possuir – soube exatamente o que fazer. Aclarei a garganta, fiz com que todas as atenções se voltassem para mim e anunciei calmamente:

– Vou ver se já chegou o correio.

No instante seguinte, saí porta fora.

*

Como a nossa casa é bastante afastada da rua, levo geralmente cinco minutos a ir à caixa do correio e voltar. No momento em que fechei a porta atrás de mim, o caos deixou de existir. Caminhei lentamente, saboreando o silêncio.

Quando voltei para casa, reparei que a minha mulher tentava limpar da blusa a baba cheia de migalhas de bolacha, enquanto segurava ao mesmo tempo os dois bebês. Landon estava diante dela, puxando-lhe os *jeans*, tentando que ela lhe desse atenção. Ao mesmo tempo ajudava os mais velhos a fazer os trabalhos de casa. O meu coração encheu-se de orgulho pela capacidade que ela tinha para se desdobrar com tanta eficiência, e ergui o monte de correspondência para que o pudesse ver.

– Tenho aqui o correio – declarei.

Ela ergueu os olhos.

– Não sei o que faria sem ti – respondeu. – Dás-me uma ajuda tão grande!

Acenei com a cabeça.

– Só estou a fazer a minha obrigação – disse. – Não precisas de me agradecer.

Como toda a gente, recebo a minha parte de correio que não interessa a ninguém e separei o importante do que não interessava. Paguei as contas, passei os olhos pelos artigos de algumas revistas e preparava-me para deitar fora tudo o resto quando reparei numa brochura que inicialmente lançara para o monte do lixo. Viera do gabinete de antigos alunos da Universidade de Notre Dame e anunciava uma «Viagem às Terras dos Adoradores do Céu». A viagem chamava-se «Céu e Terra» e seria uma volta ao mundo com duração de três semanas entre janeiro e fevereiro de 2003.

Interessante, pensei, e comecei a ler. A viagem – de jato privado, imaginem – incluiria as ruínas dos Maias na Guatemala, as dos Incas no Perú, os gigantes de pedra da Ilha da Páscoa e as Ilhas Cook da Polinésia. Haveria ainda paragens na Ayers Rock da

Austrália; em Angkor Wat, nos Campos da Morte e no Museu do Genocídio em Phnom Penh, no Camboja; no Taj Mahal e no Forte Amber de Jaipur na Índia; nas catedrais de pedra de Lalibela na Etiópia; no Hipogeu e em outros templos antigos de Malta; e, por fim – se o tempo o permitisse – a possibilidade de ver a aurora boreal em Tromsø, na Noruega, uma cidade localizada quase quinhentos quilômetros a norte do Círculo Polar Ártico.

Quando era pequeno, sempre me senti fascinado pelas culturas antigas e pelas terras longínquas e, muitas vezes, quando lia a descrição de uma determinada paragem, dava por mim a pensar: «Sempre quis ver isto.» Era a oportunidade de fazer a viagem de uma vida a locais que se mantinham na minha imaginação desde a minha juventude. Quando acabei de ler a brochura, suspirei, a pensar, *Talvez um dia...*

Agora, não tinha tempo. Três semanas separado dos miúdos? Da minha mulher? Do trabalho?

Impossível. Ridículo, o melhor seria esquecer aquilo. Meti a brochura debaixo do monte de correspondência.

Mas não me consegui esquecer da viagem.

Sabem, sou realista e imaginei que a Cat (diminutivo de Cathy) e eu teríamos a possibilidade de viajar a dada altura, no futuro. Mas embora soubesse que um dia poderia ser possível convencer a minha mulher a viajar comigo para irmos ver o Taj Mahal ou Angkor Wat, não haveria qualquer possibilidade de chegarmos à Ilha da Páscoa, à Etiópia ou às selvas da Guatemala. Porque ficavam tão longe e havia tantas outras coisas para ver e lugares onde ir no mundo, que viajar a zonas remotas cairia sempre na categoria de *Talvez um dia...* e eu tinha toda a certeza de que *um dia* nunca chegaria.

Mas havia a possibilidade de fazer tudo aquilo de uma vez só, e – dez minutos depois – após a cacofonia da sala ter terminado tão misteriosamente como tinha começado – estava na cozinha com a minha mulher e a brochura aberta na bancada. Apontei-lhe as coisas

melhores, como um miúdo que descreve um acampamento de verão, e a minha mulher, que há muito se habituou aos meus voos de imaginação, limitou-se a escutar toda a minha conversa. Quando terminei, acenou afirmativamente.

– Hum... – disse.

– Isso é um hum bom ou um hum mau?

– Nem uma coisa nem outra. Estava a pensar por que razão me mostraste isto. Ainda se pudéssemos ir...

– Bem sei – disse eu. – Mas pensei que gostasses de ver.

A minha mulher, que me conhece melhor que ninguém, sabia que alguma coisa se passava.

– Hum – disse ela.

Dois dias depois, eu e a minha mulher andávamos a passear pelo bairro. Os nossos filhos mais velhos seguiam à nossa frente e os outros três nos carrinhos, quando voltei a falar no assunto.

– Estive a pensar na tal viagem – disse, como que por acaso.

– Que viagem?

– Aquela que dá a volta ao mundo. A da brochura que te mostrei.

– Porquê?

– Bem... – respirei fundo. Não gostavas de ir?

Ela deu alguns passos antes de responder.

– Claro que gostava de ir. Parece-me extraordinária, mas é impossível. Não posso deixar os miúdos durante três semanas. E se acontece alguma coisa? Não há possibilidade de voltarmos se houver uma emergência. Quantos voos há para a Ilha da Páscoa? A Lexie e a Savannah ainda são bebés e precisam de mim. Todos eles precisam de mim... – Calou-se. – Talvez outras mães fossem, mas eu não.

Acenei com a cabeça. Já sabia que seria aquela a sua resposta.

– Importavas-te que eu fosse?

Ela olhou para mim. Eu já viajava bastante por causa do trabalho, para promover os livros. Duas ou três vezes por ano, e as minhas saídas eram sempre difíceis para a família. Embora não me sentisse

sempre disposto a mergulhar de cabeça no caos, não sou *completamente* inútil em casa. Cat tem uma agenda que muitas vezes a leva para fora de casa – toma o pequeno-almoço com amigas, faz regularmente voluntariado na escola, vai ao ginásio, joga *bunco* com um grupo de senhoras e faz recados – e ambos sabemos que ela *precisa* de sair de casa para não endoidecer. Nesses momentos acabo por ser pai solteiro. Mas quando não estou, torna-se difícil, se não impossível, que ela faça seja o que for fora de casa, o que não é bom para o seu estado de espírito.

Além do mais os nossos filhos gostam de nos ter aos dois presentes. Quando não estou, como devem imaginar, o caos na casa multiplica-se como que para preencher o vazio da minha ausência. Basta dizer que a minha mulher se cansa com as minhas viagens. Compreende que fazem parte do meu trabalho, mas não quer dizer que as aprecie.

Assim, a minha pergunta era delicada.

– É assim tão importante para ti? – perguntou ela por fim.

– Não – respondi com franqueza. – Se não quiseres que eu vá, não vou. – Mas gostava.

– E irias sozinho?

Abanei a cabeça.

– Sabes, estava a pensar ir com o Micah – disse eu, referindo-me ao meu irmão.

Caminhámos uns momentos em silêncio antes de ela me olhar de frente.

– Penso que seria uma ideia maravilhosa.

Depois de Cat e eu regressarmos do passeio – e ainda num estado de incredulidade parcial – fui para o escritório telefonar ao meu irmão que estava na Califórnia.

Ouvi o telefone tocar, o som mais distante do que se fosse para um telefone fixo. Micah nunca atendia o telefone de casa; quando queria falar com ele, tinha de lhe ligar para o telemóvel.

– Olá Nicky – disse em voz chilreante. – Que se passa?

O meu irmão tem um identificador de chamadas e continua a tratar-me pelo nome da infância. De facto, trataram-me por Nicky até ao quinto ano.

– Tenho aqui uma coisa em que, penso, estarás interessado.

– Diz lá.

– Recebi uma brochura no correio e... bom, resumindo, queria saber se queres vir comigo numa viagem à volta do mundo. Em janeiro.

– Que tipo de viagem?

Passei os minutos seguintes a descrever-lhe os pormenores folheando a brochura enquanto falava. Quando terminei, ele ficou em silêncio do outro lado.

– Ah sim? E a Cat deixa-te ir?

– Disse que deixava. – Hesitei. – Olha, sei que é uma decisão importante, por isso não preciso já de uma resposta. Temos muito tempo até termos de confirmar. Só queria que pensasses no assunto. Quer dizer, tenho a certeza de que terás de falar com a Christine. Três semanas é muito tempo.

Christine é a mulher do meu irmão; conseguia ouvir ao fundo o choro de Peyton, a minha sobrinha recém-nascida.

– Tenho a certeza de que vai concordar. Mas vou ver e depois telefono-te.

– Queres que te mande a brochura?

– Claro – disse. – Será melhor saber onde vamos, não?

– Vou mandá-la hoje mesmo pela FedEx – disse eu. – E Micah?

– Sim?

– Esta vai ser a viagem das nossas vidas.

– Tenho a certeza, maninho. – Quase consegui ver o sorriso aberto de Micah no outro extremo. – Vai sim.

Despedimo-nos e, depois de desligar o telefone, dei por mim a olhar para as fotografias da família alinhadas nas prateleiras do meu escritório. Na sua maioria são dos miúdos: vi os meus filhos bebés e um pouco mais crescidos; havia uma, de Natal, com os cinco,

tirada uns meses antes. Ao lado estava uma fotografia de Cathy e, num impulso, peguei na moldura, pensando no sacrifício que ela acabara de fazer.

Não, não estava encantada com a ideia de eu estar fora três semanas. Nem sequer com o facto de eu não estar em casa para a ajudar com os nossos cinco filhos; mas encarregar-se-ia da tarefa enquanto eu viajava pelo mundo.

Então, porque dissera que sim?

Como já disse, a minha mulher entende-me melhor que as outras pessoas, e sabia que o meu urgente desejo de ir, tinha mais a ver com querer passar algum tempo com o meu irmão do que com a viagem em si.

Esta é, por isso, uma história de irmãos.

É a minha história e a de Micah e a história da nossa família. É uma história de tragédias e alegrias, esperança e apoio. É a história de como ele e eu amadurecemos, mudámos e tomámos rumos diferentes na vida, mas de como, de algum modo, nos aproximámos ainda mais. É, por outras palavras, a história de duas viagens: uma viagem que me levou, e ao meu irmão, a lugares exóticos em volta do mundo e outra, a do curso de uma vida que fez com que nos tornássemos os melhores amigos.

CAPÍTULO 1



Muitas histórias começam com uma simples lição que se aprende e a da nossa família não é exceção. Vou ser breve e resumi-la.

No princípio, nós, os filhos, fomos concebidos. E a lição aprendida – pelo menos segundo a minha mãe católica – é esta:

– Lembra-te sempre – disse-me – que, apesar do que diz a Igreja, o método do calendário *não* dá resultado.

Olhei para ela, nessa altura tinha doze anos.

– Estás a dizer que fomos todos *acidentes*?

- Sim. Todos vocês, sem exceção.
 - Mas fomos pelo menos bons acidentes, não?
- Ela sorriu.
- Dos melhores que há.

Mesmo assim, depois de ouvir esta história, não sabia bem o que pensar. Por um lado, era óbvio que a minha mãe não lamentava ter-nos tido. Por outro, não era bom para o meu ego pensar na minha pessoa como um acidente, ou perguntar a mim mesmo se a minha súbita aparição neste mundo se devia a uns copos de champagne a mais. Mesmo assim, serviu para aclarar as coisas, pois sempre quisera saber por que razão os meus pais não tinham esperado antes de ter filhos. Certamente não estavam preparados para nos ter, mas também não tenho a certeza absoluta de que estivessem preparados para o casamento.

Os meus pais nasceram ambos em 1942 e, com a Segunda Guerra Mundial a começar, os meus dois avôs serviram no exército. O meu avô paterno era oficial de carreira, o meu pai, Patrick Michael Sparks, passou a sua infância de base militar em base militar e cresceu em grande parte sob os cuidados da mãe. Era o mais velho de cinco irmãos, extremamente inteligente e frequentou um colégio interno em Inglaterra antes de ser aceite na Universidade de Creighton em Omaha, Nebraska. Foi aí que conheceu a minha mãe, Jill Emma Marie Thoene.

Como o meu pai, a minha mãe era a mais velha. Tinha três irmãos e irmãs mais novos e foi criada no Nebraska, onde ganhou o amor pelos cavalos. O pai dela era empresário e geriu várias empresas no decorrer da sua vida. Quando a minha mãe era adolescente, o meu avô era dono de um cinema em Lyons, uma cidadezinha de poucas centenas de pessoas, um pouco afastada da estrada estatal, no meio do campo. Segundo a minha mãe, o cinema foi em parte a razão para ela também ter ido para um colégio interno. Supostamente, foi mandada para lá porque fora apanhada a beijar um rapaz, embora quando perguntei à minha avó esta o tenha negado categoricamente.

– A tua mãe sempre gostou de contar histórias – informou-me ela. – Costumava inventar as coisas mais incríveis só para vocês reagirem.

– Então porque a mandou para o colégio interno?

– Por causa dos assassinatos – disse a minha avó. – Nessa altura, em Lyons, muitas meninas foram mortas.

Compreendo.

De qualquer forma, depois do colégio, a minha mãe foi para a Universidade de Creighton, tal como o meu pai, e suponho que as semelhanças entre as vidas de ambos foram responsáveis pelo interesse que os meus pais sentiram um pelo outro. Por qualquer motivo, começaram a sair no segundo ano e apaixonaram-se gradualmente. Namoraram pouco mais de um ano e tinham ambos vinte e um anos quando casaram no dia 31 de agosto de 1963, antes do início do seu último ano na universidade.

Meses depois o método do calendário falhou e a minha mãe aprendeu a primeira das suas três lições. Micah nasceu no dia 1 de dezembro de 1964. Na primavera estava de novo grávida e eu nasci a 31 de dezembro de 1965. Na primavera seguinte estava grávida da minha irmã Dana e decidi que, a partir daí, utilizaria outro método contraceutivo.

Depois de se licenciar, o meu pai resolveu fazer um mestrado em gestão na Universidade do Minnesota e a família mudou-se para perto de Watertown no outono de 1966. A minha irmã Dana nasceu, como eu, a 31 de dezembro e a minha mãe ficou em casa para nos criar enquanto o meu pai ia às aulas durante o dia e trabalhava num bar à noite.

Como os meus pais não podiam pagar uma renda muito alta, vivíamos a quilómetros da cidade, numa velha quinta que a minha mãe jurava estar assombrada. Anos mais tarde, disse-me que costumava ver e ouvir coisas durante a noite – choros, risos e conversas murmuradas – mas assim que se levantava para nos ir ver, os ruídos desapareciam.

A explicação mais provável seria a de que tinha alucinações. Não por ser louca – a minha mãe era provavelmente a pessoa mais estável que conheci – mas porque deve ter passado aqueles primeiros anos num mundo turvo da mais completa exaustão. Não estou a falar daquela exaustão facilmente remediada com uns dias a dormir até mais tarde. Falo do tipo de exaustão física, mental e emocional desmedida que faz com que uma pessoa pareça ter sido rodada em círculos pelas orelhas durante horas antes de ser sentado à mesa da cozinha à nossa frente. A vida dela deve ter sido um perfeito *inferno*. A partir dos vinte e cinco anos, com três bebés com fraldas de *pano*, viveu dois anos completamente isolada – exceto quando a mãe a ia visitar. Não havia família nas proximidades para dar uma ajuda, éramos muito pobres e vivíamos no meio do nada. A minha mãe nem se podia aventurar a ir à cidade mais próxima, pois o meu pai levava o carro para as aulas e depois para o trabalho. Acrescente-se dois invernos do Minnesota, em que a neve chegava literalmente ao telhado, subtraía-se da equação o meu pai sempre ocupado, junte-se os infindáveis choros e as birras de crianças tão pequenas, e mesmo assim, não sei se será possível imaginar quão infeliz se deve ter sentido. E o meu pai também não ajudava muito – nessa altura da sua vida, simplesmente não podia. Perguntei muitas vezes a mim mesmo porque não arranjará um emprego normal, mas não o fez, e era muito difícil para ele trabalhar, estudar e ir às aulas. Saía de manhã muito cedo e voltava muito depois de todos terem ido para a cama. Assim, à exceção de três crianças, a minha mãe não tinha absolutamente ninguém com quem falar. Deve ter passado dias ou até semanas sem ter uma única conversa de adultos.

Como era o mais velho, a minha mãe sobrecarregava Micah com responsabilidades que não eram próprias da sua idade – certamente com mais responsabilidade do que eu alguma vez conferirei aos *meus* filhos. A minha mãe era famosa por nos inculcar valores antiquados do Midwest e a ordem para o meu irmão passou a ser: «É teu dever tomar conta do teu irmão e da tua irmã, aconteça o que acontecer». E, mesmo com três anos, ele cumpria-a.



Ajudava a minha mãe a dar de comer a mim e à minha irmã, dava-nos banho, entretinha-nos, vigiava-nos enquanto andávamos pelo quintal. Há fotografias no álbum de família que mostram o Micah a embalar a minha irmã, ao mesmo tempo que lhe dava o biberão, apesar de não ser muito maior do que ela. Acabei por compreender que era bom para ele, porque uma pessoa tem de *aprender* o sentido de responsabilidade. Este não aparece um dia como que por magia, simplesmente porque é preciso. Mas creio que, como Micah era frequentemente tratado como adulto, acreditava que de facto o era, e que havia certos direitos que lhe eram devidos. Suponho que foi isso que levou a um sentido quase adulto de teimoso privilégio muito antes de ter entrado na escola.

De facto, a minha recordação mais antiga é do meu irmão. Eu tinha dois anos e meio – Micah era um ano mais velho – num fim

de semana do fim do verão e a relva tinha cerca de trinta centímetros de altura. O meu pai preparava-se para a cortar e retirara o cortador do telheiro. Mas Micah adorava o cortador e lembro-me de ele pedir ao meu pai que o deixasse cortar a relva, apesar de nem sequer ter força para o empurrar. Claro que o meu pai recusou, mas o meu irmão – e os seus quinze quilos – não entendeu a lógica da situação. Nem, segundo me disse depois, iria aceitar aquele disparate.

Nas suas próprias palavras:

– Decidi fugir.

Sei o que estão a pensar. *Tinha três anos e meio – até onde poderia ir?* Com a mesma idade, Miles, o meu filho mais velho costumava ameaçar-nos de que ia fugir e eu e a minha mulher respondíamos-lhe o seguinte: «Vai. Mas vê lá se não passas da esquina.» Miles, que era uma criança delicada e medrosa, não passava de facto da esquina, enquanto eu e a minha mulher o vigiávamos da janela da cozinha.

Mas o meu irmão não. Não, ele pensava assim: «Vou fugir para *bem longe* e, como tenho de tomar conta do meu irmão e da minha irmã, calculo que tenha de os levar comigo.»

E assim foi. Meteu a minha irmã de dezoito meses no carrinho, pegou-me na mão e, escondendo-se atrás das sebes, para que os meus pais não nos pudessem ver, levou-nos com ele em direção à cidade. A propósito, a cidade ficava a três quilómetros de distância e a única maneira de lá chegar era atravessar uma movimentada estrada de duas faixas.

Quase conseguimos. Recordo-me de atravessar campos com ervas quase tão altas como eu, vendo as borboletas explodirem no céu de verão. Andámos durante aquilo que me pareceu uma eternidade antes de, por fim, chegarmos à estrada. Aí ficámos na berma – três crianças com menos de quatro anos, imagine-se, e uma ainda de *fraldas* – açoitados por fortes rajadas de vento enquanto camiões e automóveis passavam por nós a noventa quilómetros à hora, a um ou dois metros de distância. Lembro-me do meu irmão me dizer: «Tens de correr depressa quando eu te disser», e do som das buzinas

e do chiar dos pneus depois de ele gritar: «Corre!», enquanto eu atravessava a estrada tentando acompanhá-lo.

Depois disso, as coisas são um pouco vagas. Lembro-me de ficar cansado e cheio de fome e de, por fim, trepar para o carrinho com a minha irmã, enquanto o meu irmão nos arrastava como *Balto*, o husky preto, pela neve do Alasca. Mas também me lembro de me sentir orgulhoso dele. Era *divertido*. Era uma *aventura*. E, apesar de tudo, senti-me em segurança. Micah tomaria conta de mim e a ordem que eu recebera da minha mãe em relação a ele fora sempre: «Faz o que o teu irmão te mandar.»

Mesmo nessa altura, fiz o que me mandaram. Ao contrário do meu irmão, sempre fiz o que me mandaram na minha infância.

Algum tempo depois, lembro-me de passar uma ponte e subir um monte; quando chegámos ao cimo, vimos a cidade no vale, lá em baixo. Anos depois, compreendi que devemos ter desaparecido durante *horas* – pernas pequeninas não podem percorrer três quilómetros assim tão depressa – e lembro-me vagamente do meu irmão nos prometer um gelado. Nessa altura ouvimos gritar e, quando olhei para trás, vi a minha mãe a correr aflita, subindo a estrada atrás de nós. Gritava PAREM!, enquanto acenava freneticamente com um mata-moscas por cima da cabeça.

A propósito, era aquilo que usava para nos castigar. O mata-moscas.

O meu irmão odiava o mata-moscas.

Micah era inquestionavelmente quem sofria o castigo do mata-moscas mais vezes. A minha mãe gostava de o utilizar porque, embora *ardesse*, não *magoava* a sério e fazia um ruído sonoro em contacto com a fralda ou por cima das calças. O som é que nos irritava – parecia um balão a rebentar – e, até hoje, sinto uma espécie de satisfação vingativa quando mato insetos na minha casa.

Pouco tempo depois da primeira vez que tentara fugir, Micah repetiu a proeza. Meteu-se em sarilhos por qualquer razão e, dessa

vez, foi o meu pai em busca do mata-moscas. Nessa altura já Micah estava cansado desse castigo, por isso, quando viu o meu pai ir buscá-lo, disse com firmeza:

– Não vais bater-me com isso.

O meu pai voltou-se, de mata-moscas na mão e foi então que Micah fugiu. Sentado na sala, fiquei a ver o meu irmão de quatro anos fugir da cozinha, passar por mim e subir as escadas com o meu pai logo atrás dele. Ouvei baques surdos lá em cima enquanto o meu irmão realizava várias acrobacias desconhecidas no quarto e, momentos depois, descia a escada a toda a pressa, passando de novo por mim, pela cozinha, e saía pela porta mais rápido que nunca.

O meu pai, arquejando e ofegando – era um fumador inveterado – desceu as escadas a correr e seguiu-o. Não os voltei a ver durante horas. Depois de já ser noite e eu já estar na cama, levantei os olhos e vi a minha mãe a trazer Micah para o quarto. Meteu-o na cama e deu-lhe um beijo na face. Apesar da escuridão, apercebi-me de que estava um nojo; manchado de porcária, parecia ter passado as últimas horas debaixo da terra. Assim que ela saiu, perguntei a Micah o que se passara.

– Eu disse-lhe que ele não me ia bater com o mata-moscas.

– E bateu?

– Não. Não consegui apanhar-me. E depois não consegui encontrar-me.

Sorri, a pensar, *Sabia que havias de conseguir.*

CAPÍTULO 2

O telefone tocou uns dias depois de ter enviado a Micah a informação acerca da viagem. Estava à secretária, no escritório, a tentar ultrapassar outro dia difícil a escrever, e quando levantei o auscultador, Micah começou a tagarelar quase imediatamente.

– Esta viagem é... incrível – disse ele. – Já viste onde vamos? Vamos à Ilha da Páscoa e ao Camboja! Vamos ver o Taj Mahal! Vamos ao interior da Austrália!

– Bem sei – disse eu. – Não é ótimo?

– É mais do que ótimo. É sensacional! Já viste que vamos andar num trenó puxado por cães na Noruega?

– Sim, eu sei...

– Vamos a África! África, por amor de Deus!

– Eu sei...

– Vai ser o máximo!

– Então a Christine disse que podias ir?

– Eu disse-te que ia.

– Eu sei. Mas a Christine concorda?

– Não está muito entusiasmada, mas concordou. Isto é... África! Índia! Camboja! Com o meu irmão? O que havia ela de dizer?

Podia ter dito que não, pensei. Tinham dois miúdos – Payton tinha poucos meses, Alli nove anos – e Micah tencionava passar

um mês fora pouco depois do primeiro aniversário da filha. Mas tive a certeza de que Christine, como Cathy, compreendia que Micah precisava de estar comigo tanto como eu precisava de estar com ele, embora por razões diferentes. Como irmãos, viéramos a depender um do outro em épocas de crise, uma dependência que apenas se fortalecera à medida que ficámos mais velhos. Apoiámo-nos um ao outro durante dificuldades pessoais e emocionais, vivemos os altos e baixos um do outro. Aprendemos muito acerca de nós próprios ao conhecermo-nos um ao outro e, embora os irmãos sejam geralmente chegados por natureza, Micah e eu éramos especialmente próximos. O som da voz dele nunca deixava de me recordar a infância que partilháramos e o seu riso ressuscitava recordações distantes, imagens há muito perdidas agitavam-se, sem qualquer aviso, como bandeiras num dia de brisa.

– Nick? Está? Ainda aí estás?

– Sim. Estou aqui. A pensar.

– Em quê? Na viagem?

– Não – disse eu. – Estava a pensar nas nossas aventuras de quando éramos miúdos.

– No Minnesota?

– Não – respondi. – Em Los Angeles.

– O que te fez lembrar isso?

– Não tenho bem a certeza – admiti. – Por vezes acontece.

Em 1969 mudámo-nos dos frios invernos do Minnesota para Inglewood na Califórnia. O meu pai fora aceite no programa de doutoramento da Universidade do Sul da Califórnia e mudámo-nos para aquilo que alguns considerariam um bairro social. Metida no meio de Los Angeles, a comunidade onde vivemos ainda tinha bem presente os tumultos de Watts em 1965. Éramos uma das poucas famílias brancas no deteriorado apartamento a que chamávamos casa e os nossos vizinhos mais próximos eram prostitutas, traficantes e membros de gangues.

Era uma casa pequena – dois quartos, uma sala e a cozinha – mas tenho a certeza de que a minha mãe a considerou uma enorme melhoria em relação à sua vida no Minnesota. Embora também aqui não tivesse o apoio da família, pela primeira vez em dois anos tinha vizinhos com quem falar, mesmo que fossem diferentes das pessoas com quem crescera no Nebraska. Era-lhe também possível ir à loja comprar as mercearias, ou, pelo menos, sair de casa e ver sinais de vida.



É vulgar as crianças pensarem com reverência nos pais e, enquanto criança, não fui diferente. Com olhos e cabelo escuros e pele muito branca, a minha mãe parecia-me muito bela. Apesar das dificuldades no início das nossas vidas, não me lembro de ela alguma vez descarregar sobre nós as suas frustrações. Era uma daquelas mulheres que nascera para ser mãe e amava-nos incondicionalmente; éramos a vida dela. Sorria mais do que qualquer pessoa que conheci. E os seus sorrisos não eram falsos, daqueles que parecem forçados e nos arrepiam. Eram genuínos, daqueles que nos faziam

querer correr para os seus braços, que estavam sempre abertos para nós.

Por outro lado, o meu pai sempre foi uma espécie de mistério para mim. Tinha o cabelo louro-arruivado, sardas e era atreito a queimaduras solares. Entre todos nós, apenas ele gostava de música. Tocava harmónica e viola e assobiava compulsivamente quando estava tenso, como parecia estar sempre. Não que o pudessem censurar. Em Los Angeles caíra na mesma desagradável rotina que tivera no Minnesota: aulas, estudo e trabalho à noite como porteiro e barman, para nos dar as coisas básicas da vida. Mesmo assim, tinha de contar com os pais e com os sogros para que o dinheiro chegasse.

Em casa tinha quase sempre uma expressão preocupada, a ponto de parecer distraído. A recordação mais consistente que tenho do meu pai é de o ver sentado à mesa com a cabeça inclinada sobre um livro. Era um verdadeiro intelectual e não era o tipo de pai que gostasse de brincar à apanhada, de andar de bicicleta ou de fazer caminhadas, mas como não conhecíamos nada diferente, não nos incomodava. Em vez disso, para nós, os seus filhos, a missão dele era dar-nos sustento e disciplina. Se nos portássemos mal – o que acontecia com espantosa frequência – a minha mãe ameaçava-nos dizendo que teria de contar ao nosso pai quando este chegasse a casa. Não sei por que razão a mera ideia nos aterrorizava, pois o meu pai nunca nos maltratava. Suponho que fosse porque não o conhecíamos verdadeiramente.

Os nossos anos no Minnesota uniram-nos muito. Durante anos, Micah, Dana e eu fomos os únicos amigos uns dos outros e, em Los Angeles, as coisas continuaram assim. Partilhávamos o mesmo quarto, brincávamos com os mesmos brinquedos e estávamos quase sempre na companhia uns dos outros. Ao sábado de manhã, juntávamo-nos em volta da televisão para ver desenhos animados e conseguíamos brincar horas a fio com bonecos da já defunta série de *cowboys* Johnny West. Como as figuras do G.I. Joe, havia *cowboys* (a família West – Johnny, Jane e os filhos), soldados

(o general Custer e o capitão Maddox), um fora da lei (Sam Cobra) e os índios (Jerónimo, o chefe Cherokee e o Águia Lutadora) bem como uma parafernália que incluía fortes, carroças de *cowboys*, cavalos e manadas de gado. Ao longo dos anos, devemos ter colecionado cada objeto do conjunto três ou quatro vezes. Brincávamos com as figuras, inventando uma aventura atrás da outra, até elas ficarem literalmente despedaçadas.

Como a minha irmã era a mais nova, ficava geralmente em casa com a minha mãe enquanto eu e o meu irmão começávamos gradualmente a descobrir o mundo exterior. Os meus pais pareciam acreditar – agora penso que muito ingenuamente – que juntos estaríamos em segurança, por muito perigosas que fossem as ruas, e permitiam que explorássemos sozinhos o bairro antes de eu ter feito cinco anos. A única exigência era que estivéssemos em casa à hora do jantar. Nem a minha mãe nem o meu pai alguma vez se deram ao trabalho de estabelecer os limites de até onde poderíamos ir, desde que mantivéssemos o combinado, e nós levávamos a nossa liberdade a extremos. Onde quer que o meu irmão fosse, eu ia atrás. Cada vez o via mais como um herói. Passávamos as tardes a explorar apartamentos devolutos ou a visitar as nossas vizinhas enquanto estas estavam na avenida para arranjar clientes. Ficávamos horas esquecidas no parque de estacionamento a ver adolescentes a reparar motores de automóveis e, por vezes, sentávamo-nos nos degraus com vários gangues, vendo-os beber cerveja e curtir com as namoradas. Era muito divertido – havia sempre que fazer – e não me lembro de eu ou Micah nos assustarmos, mesmo quando soavam tiros ao longe.

Não sei bem porquê, mas aqui *estávamos* em segurança. Suponho que seria porque todos, incluindo os membros dos gangues, sabiam não só que não representávamos uma ameaça, mas que éramos provavelmente mais pobres do que eles. Éramos desesperadamente pobres. Em crianças fomos criados com leite em pó, batatas e aveia – só soube que o leite vinha em forma *líquida* depois de ir para a escola. Nunca íamos comer fora, visitar museus, ao futebol ou mesmo ao cinema. O carro que o meu pai comprara para ir

trabalhar e também para a universidade custara menos de cem dólares. Quando começámos a escola tínhamos um par de sapatos e um par de calças por ano; se se rasgavam, a minha mãe colava os remendos com o ferro e passava-as de tal maneira que as nossas calças de ganga pareciam já ter vindo com joelheiras. Os nossos brinquedos – em primeiro lugar *Tinkertoys*, *Lincoln Logs* e as já mencionadas figuras Johnny West – tinham todos sido presentes de Natal ou de aniversário; desistimos de pedir o que quer que fosse quando íamos à loja com a minha mãe.

Só agora me apercebo de que provavelmente viveríamos abaixo do limiar de pobreza. Claro que, nessa altura, não tínhamos noção disso, nem, para ser franco, nos importávamos. A minha mãe também não o teria permitido. Acreditava na resistência. Detestava choraminguices, maus humores, detestava desculpas e tencionava fazer desaparecer esses traços dos filhos. Se alguma vez disséssemos coisas como «Mas eu quero» a sua resposta era sempre a mesma. Encolhia os ombros e respondia simplesmente: «Aguenta. Aquilo que queres e o que recibes são geralmente duas coisas diferentes.»

As suas ideias acerca da «resistência» fariam estremecer muitos pais atuais. Por exemplo, quando Micah foi para a escola, o transporte dos alunos em autocarros escolares estava a ser usado para forçar uma maior integração das escolas do centro da cidade, a zona mais pobre. Como tal, a escola ao fundo da rua foi-lhe vedada; em vez disso, tinha de andar mais de um quilómetro até à paragem – por ruas muito movimentadas, bairros difíceis e atravessando uma sucata. No primeiro dia da pré-primária a minha mãe levou-o ao autocarro. No segundo dia foi sozinho. Uma semana depois disse à minha mãe que umas miúdas mais velhas, do sétimo ano, talvez, mas *enormes* para um aluno da pré-primária, o tinham cercado na sucata para lhe roubar o dinheiro para o leite. Depois ameaçaram-no: disseram-lhe que se ele não lhes desse o dinheiro todos os dias, lhe dariam uma sova.

– Dizem que me vão bater muito – chorou ele.

Há várias maneiras de um pai resolver uma situação destas. A minha mãe podia ter começado a levá-lo regularmente à escola, por exemplo, ou tê-lo levado um dia, confrontado as raparigas e ameaçado chamar a polícia se ocorresse outro incidente. Talvez pudesse ter descoberto quem eram os pais delas e falado com eles, ou arranjado quem o levasse de carro. Talvez até pudesse ter falado com alguém na escola.

Mas não. Em vez disso, depois de Micah contar a história, levantou-se da mesa e saiu da sala durante uns minutos. Quando regressou, trazia uma velha lancheira do Roy Rogers, ferrugenta e amolgada, que anos antes pertencera ao irmão dela.

– Amanhã metemos aqui o teu almoço e não num saco de papel – disse. – Se elas tentarem roubar-te o dinheiro fazes girar isto e bates-lhes com a lancheira. Assim...

Dobrando o braço como um domador de leões, começou a rodar a lancheira em arcos largos, exemplificando enquanto o meu irmão ficava sentado à mesa a ver.

No dia seguinte, o meu irmão de seis anos dirigiu-se para a escola com a sua lancheira em segunda mão. E tal como tinham ameaçado, as raparigas cercaram-no quando ele não lhes deu o dinheiro. Quando a primeira o atacou ele fez exatamente o que a nossa mãe lhe dissera.

Nessa noite, no quarto, Micah relatou-me o que se passara.

– Rodei com quanta força tinha – disse ele.

– Não tiveste medo?

Com os lábios apertados, assentiu com a cabeça.

– Mas continuei a rodar a lancheira e a bater-lhes com ela até que fugiram a chorar.

Devo acrescentar que as meninas nunca mais o incomodaram.

Em 1971, mudámo-nos de novo, desta vez para Playa del Rey – outra secção de Los Angeles. Pelas razões óbvias (os tiroteios

noturnos começaram a aproximar-se demasiado), os nossos pais pensaram que seria mais seguro para nós do que Inglewood.

Nessa altura comecei a pré-primária, mas como tínhamos um ano de diferença e Los Angeles continuava a transportar o meu irmão de autocarro, Micah e eu ficámos em escolas diferentes. Enquanto os alunos da minha escola pareciam ter saído de um subúrbio do Iowa, Micah era levado de autocarro para uma das escolas do centro da cidade e era o único aluno branco da turma.

Mesmo assim, estávamos juntos à tarde e passávamos o tempo do mesmo modo que em Inglewood, dois meninos sem medo do mundo. Saíamos do prédio e passávamos horas a passear por onde nos apetecia – andávamos uns quilómetros até à marina, para ver os barcos ancorados, subíamos aos pilares das pontes ou aos postes de eletricidade à procura de ninhos, ou explorávamos casas devolutas, em ruínas ou incendiadas, em busca de qualquer coisa interessante que pudesse lá ter sido deixada. Outras vezes partíamos das traseiras do prédio, atravessávamos avenidas, saltávamos sebes e fazíamos uma visita à escola secundária. Ao fim da tarde estava geralmente vazia e adorávamos os campos vazios, muito maiores do que os das nossas escolas primárias. Corríamos e escondíamo-nos, ou passeávamos simplesmente pelos corredores, espreitando as salas de aula. Um dia avistámos um corvo nas árvores e ficámos imediatamente fascinados. Seguimo-lo enquanto voava de árvore em árvore. Depois, sempre que íamos à escola, procurávamos o corvo e encontrávamo-lo sempre, o que era surpreendente. Depois de andarmos atrás dele durante algum tempo, íamos fazer outra coisa. Porém, logo avistávamos de novo o corvo, numa das árvores perto de onde estávamos a brincar. Em breve não conseguíamos aproximar-nos da escola *sem* ver o corvo. Andava *sempre* por ali. Depressa nos apercebemos de que o corvo nos seguia.

Começámos a dar-lhe de comer. Atirávamos pão para o chão, o corvo apanhava-o rapidamente e comia-o, depois voava. Aos poucos ficava mais tempo, deixando que nos aproximássemos. A partir dali começámos a dar-lhe ameixas e o corvo estava mais

à vontade conosco. Chegámos ao ponto de lhe estendermos a ameixa junto ao chão e ele não hesitar em voar até ali e começar a comer. Apercebemo-nos de que se estava a transformar no nosso animal de estimação e começámos a falar dele como tal. Trazendo a máquina fotográfica da minha mãe, conseguimos mesmo tirar-lhe fotografias que mostrámos orgulhosamente depois de reveladas. Chamámos-lhe *Blackie*. O *Blackie* era fantástico. O *Blackie* era fixe. O *Blackie*, como acabámos por descobrir, era um monstro.

Por muito interessados que estivéssemos na ave, descobrimos que o interesse dela por nós era muito maior. Principalmente pelo nosso cabelo. Como éramos louros, o nosso cabelo brilhava ao sol e os corvos, conforme descobrimos, gostam de coisas brilhantes. Os corvos também fazem ninhos. Juntando uma coisa à outra, podem imaginar o que se passou a seguir.

Uma tarde estávamos na escola quando o *Blackie* se aproximou de repente, mergulhando várias vezes em direção às nossas cabeças, como um avião de combate atacando um navio. Crocitava na nossa direção enquanto fugíamos dele. O alcance das suas asas parecia ter crescido extraordinariamente da noite para o dia – e em breve fugíamos e gritávamos a pedir socorro, enquanto o *Blackie* pairava sobre as nossas cabeças. Durante algum tempo escondemo-nos atrás de uns contentores, para pensar como poderíamos chegar a casa. Por fim atrevemo-nos de novo. O caminho estava livre e desatámos a correr.

Era impossível acompanhar Micah e tive de abrandar aos poucos. Nesse instante o *Blackie* desceu e aterrou na minha cabeça, o que foi simplesmente a coisa mais aterradora que acontecera na minha jovem vida. Entrei em pânico, incapaz de respirar, incapaz de mexer um músculo. Sentia as garras do *Blackie* enterradas na cabeça e – como que para intensificar o meu terror – o *Blackie* começou a debicar *com força*, com a cabeça a subir e a descer como as bombas de petróleo do Oklahoma. Gritei. O *Blackie* debicou com mais força. E assim continuou. Bicada, grito. Bicada, grito.

Bicada, grito. Parecia que o corvo fazia os possíveis para abrir um buraco na minha cabeça de modo a sugar o meu cérebro.

Lembro-me vagamente do meu irmão a desaparecer ao longe – não dera pelo regresso do *Blackie* – até ouvir o primeiro grito. Dando meia-volta, Micah correu para mim gritando para eu enxotar o pássaro. Porém o meu espírito não reagia e sentia-me paralisado. Nada podia fazer senão deixar que o *Blackie* me matasse, bicada a bicada.

Porém, Micah sabia o que fazer. Gritando e acenando com força conseguiu soltar o pássaro infernal da minha cabeça. Depois, como o *Blackie* continuasse a investir para nós, Micah tirou a camisa e agitou-a como se fosse uma bandeira. Por fim, o *Blackie* retirou-se para um lugar seguro nas árvores.

A caminho de casa senti-me envergonhado por ter mostrado tanto medo. Micah não se assustara. Atacara o *Blackie* enquanto eu estava em pânico. Lutara e eu ficara paralisado. Acabei por acreditar que Micah, ao contrário de mim, conseguia fazer tudo. E enquanto me esforçava por acompanhá-lo, queria, mais que tudo, ser como ele.